

A CARACTERIZAÇÃO DAS REGIÕES DE PEQUENA PRODUÇÃO RURAL NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Ideni Terezinha ANTONELLO¹

Vera Maria Favila MIORIN²

INTRODUÇÃO

A organização do espaço sob o processo da pequena unidade de produção ocorreu quando a forma de ocupação do tipo "grande propriedade" estava consolidada. Deste modo este segmento representou um estágio de transformação parcial do espaço agrário brasileiro.

No Rio Grande do Sul a pequena unidade de produção, policultora foi precedida pela grande unidade de produção pecuarista.

Como nos mostra TOPALOV, (1978:63):

"A micropropriedade é, produto histórico do grande domínio. Monopolizando este uma parte importante das terras, e sempre as mais férteis e as mais acessíveis, a população rural que não encontra lugar no latifúndio deve dividir entre si uma fração ínfima das terras, as menos férteis as mais acidentadas ou as mais distantes."

Como coloca Topalov a pequena unidade de produção no Estado, se organiza a partir da distribuição de terras aos colonizadores nem sempre as mais fáceis de serem trabalhadas, pelo menos, no primeiro momento em que era necessário a derrubada da mata. As terras ocupadas pelos colonos constituíam-se

em pequenas unidades em relação a dimensão das sesmarias que consolidaram a grande propriedade da terra, originando os latifúndios.

Portanto a pequena unidade de produção se organizou nas áreas subutilizadas e/ou entendidas como os intervalos livres entre as sesmarias. Mais tarde, por expansão demográfica novas colônias se instalaram em terras devolutas do Estado e em áreas não e semi- exploradas da grande propriedade estruturando um novo tipo de "fundus". A análise procura detectar as transformações ocorridas na organização espacial do território gaúcho, na origem de sua ocupação sob a influência dos fatores internos e externos e das interferências ocorridas na evolução dessa organização.

METODOLOGIA

Para identificar no espaço do Rio Grande do Sul, as áreas de pequena produção, utilizou-se os estudos desenvolvidos por HASELEIN (1991) e apoiados na classificação proposta por GUIMARÃES (1981:216), a qual delimita qual delimita as unidades de produção em três categorias:

- Pequenos produtores caracterizados como pobres, com unidades de produção de área entre 0-20 ha, considerados como produção camponesa típica do Rio Grande do Sul, exprime, exatamente, a atual situação dos pequenos produtores no Estado.

- Pequenos produtores caracterizados como médios, com unidades de produção de área entre 20-50 ha. Estes produtores encontram-se em situação mais favorável, porém sem distinção clara, além de possuírem número maior de hectares, o que não significa melhor padrão de vida no campo. Pois a inexistência de uma política agrícola direcionada ao pequeno proprietário e/ou produtor, define o baixo padrão de vida encontrado neste segmento do espaço agrícola gaúcho.

¹ Geógrafa pela UFSM (Santa Maria/RS)

² Prof. do Departamento de Geociências - UFSM - Santa Maria, RS

-Pequenos produtores caracterizados como remediados, com unidades de produção de área entre 50-100 ha, são entre as demais categorias de pequena produção, os que se encontram em melhores condições.

Com base em HASELEIN (1991) foi possível a obtenção dos municípios que compõem cada categoria. Utilizando-se do processamento eletrônico, a autora determinou como municípios de pequena produção, os que apresentam mais de 50% do total de sua área de exploração entre 0 e 100 ha. A partir de então, houve uma classificação interna, obedecendo sempre ao maior percentual, entre os municípios de área de 0-20 ha, 20-50 ha e 50-100 ha. A estrutura rural obtida permitiu a denominação de pobres, médios e remediados respectivamente.

Esses estudos desenvolvidos por HASELEIN (1991), foram utilizados na análise dos elementos que interferem na agricultura do espaço ocupado pela pequena unidade de produção no Estado do Rio Grande do Sul.

Ao considerar a influência dos fatores ambientais e históricos na organização estrutural da terra no Rio Grande do Sul a análise das categorias de pequena unidade de produção foi realizada a partir da divisão do Estado em regiões fisiográficas em vez de utilizar as microrregiões homogêneas, pois no trabalho tentou-se captar a relação existente entre a estrutura fundiária e a estrutura sócio-econômica dos municípios que compreendem a área de pequena produção.

De posse do conhecimento dos municípios onde predomina a pequena unidade de produção e sua localização espacial, segundo as regiões fisiográficas, partiu-se para a coleta de informações sobre as principais atividades agropecuaristas. Isto foi possível através da utilização do Censo Agropecuario do Rio Grande do Sul de 1980, publicado pelo IBGE.

CARACTERIZAÇÃO DA PEQUENA UNIDADE DE PRODUÇÃO COM ÁREA ENTRE 0 a 20 HA

A área que abrange os municípios nos quais predominam as unidades de exploração entre 0-20 ha, caracterizadas como pobres, é constituída por 220 municípios localizados em distintas regiões fisiográficas.

- A REGIÃO DO LITORAL, na qual predomina a pequena unidade de produção da categoria de pobres (0 a 20 ha), compreende os municípios de: Mostardas, Osório, Rio Grande, Santa Vitória do Palmar, São José, Torres e Tramandaí. A origem da pequena unidade de produção se deve a divisão incessante da terra nessa área de ocupação antiga e de unidades de produção que ainda ocupam extensões consideráveis.

A divisão incessante da terra atrela-se principalmente a crescente carga humana (alto índice de unidades pobres), em uma região onde as condições naturais não propícias a uma estrutura fundiária de 0-20 ha, (ANTONELLO, 1990:92), pois aí predominam categorias de solos com horizonte "B" textural e solos poucos desenvolvidos, que apresentam restrições ao uso agrícola intensivo.

A influência dos fatores físicos, nessa região, sob as atividades agrícolas é ressaltada no momento que a cebola predomina. Segundo NOAL e CUNHA (1990:29) trata-se de um produto integrante da Agropecuária Colonial que caracteriza o segmento secundário das atividades rurais quanto aos incentivos financeiros e tecnológicos, pois os produtos da Agropecuária Colonial visam, em sua maior parte, a alimentação da população. Portanto, seus mercados encontram-se dentro do Estado ou ainda, próximos aos centros de produção. (Tabela 1)

Em relação a densidade demográfica agrícola, os municípios de Torres, Tramandaí e Osório, interpretando HAHN (1990:38) apresentam uma pressão humana agrícola alta em relação aos demais, ou seja, o setor agrícola

desses municípios contém um número de habitantes além dos que poderiam viver da renda agrícola.

- Na REGIÃO DA ENCOSTA DO SUDESTE predomina a pequena unidade de produção (0-20 ha), na área que compreende os municípios de: Arroio Grande, Camaquã, Jaguarão, Pedro Osório, Pelotas, São Lourenço do Sul e Tapes.

TABELA 1 - Tonelagem das Principais culturas nas regiões de pequena produção com área entre 0-20 ha - 1980

Municípios	Arroz	Feijão	Mandioca	Cebola	Cana
Mostardas	67.630	-	-	31.036	47.335
Osório	44.147	1.043	11.419	-	48.708
Rio Grande	53.331	-	-	21.351	-
Santa Vitória do Palmar	234.540	-	-	-	-
São José do Norte	-	-	-	53.615	-
Torres	5.832	-	-	-	-
Tramandaí	7.185	-	13.417	-	47.708
	1.729	-	1.059	-	-
Total	414.402	1.043	25.895	106.002	144.751

Censo Agropecuário RS - 1980

Montagem: Ideni Terezinha Antonello

Segundo HASELEIN (1991:106)

"... a pequena unidade de produção se alastrou pela área da Encosta do Sudeste ao longo dos anos, através da divisão das antigas sesmarias e das propriedades já originalmente pequenas."

A área é desfavorável às explorações de pequena extensão, devido a presença de solos pouco férteis, semelhantes em características aos solos da região do litoral. Conseqüentemente apresentam as mesmas restrições ao desenvolvimento agrícola, não permitindo um modo de vida condizente para

grande parte das famílias que aí vivem, nem um futuro desenvolvimento agrícola sem o uso de técnicas adequadas a área. Assim o predomínio da pequena unidade de produção nesta área desde a década de 40, traz como conseqüência perdas econômicas para o ruralista e para a área como um todo.

- Na REGIÃO SERRA DO SUDESTE, o predomínio da pequena unidade de produção (0-20 ha) se faz nos municípios de Caçapava do Sul, Canguçu, Dom Feliciano, Encruzilhada do Sul, Erval, Lavras do Sul e Santana da Boa Vista. A pequena produção dessa área tem origem no período da colonização com os imigrantes estabelecidos em pequenas propriedades devido a fatores físicos, como insuficiência dos solos. Com o passar do tempo a ausência de investimentos tecnológicos não permitiu que grande parte dos produtores se mantivessem no setor. Ao se desfazerem de suas terras contribuíram para o aumento da concentração fundiária e desenvolvimento da pecuária.

Atualmente, a pecuária, principal atividade econômica da área, constitui-se em um elemento condicionante para a baixa pressão humana na Região. (HAHN 1990:38) (Tabela 2)

Tabela 2 - Produção Animal em número de cabeças nas regiões de pequena produção com área entre 0-20 ha

Municípios	Bovinos	Ovinos	Suínos
Mostardas	115.996	68.684	6.744
Osório	101.536	13.513	14.482
Rio Grande	140.271	131.874	5.458
Santa Vitória do Palmar	-	-	-
São José do Norte	228.845	486.916	8.512
Torres	39.057	10.157	2.706
Tramandaí	40.566	961	11.986
	16.259	5.672	1.828
Total	682.530	717.777	51.716

Fonte: Censo Agropecuário RS - 1980

- Na REGIÃO DA CAMPANHA as pequenas unidades de produção (0-20 ha), localizam-se, nos municípios de: Bagé, Dom Pedrito, Rosário do Sul, Santana do Livramento e São Gabriel. Segundo HASELEIN (1991:112):

"... a pequena unidade de produção se formou ao redor, das grandes propriedades, onde se estabeleceu os trabalhadores das fazendas e seus familiares, dedicando-se a criação de gado e ao cultivo de subsistência."

Essa Região se caracterizou, desde o início de sua ocupação como centro da bovinocultura e se constituiu em uma área tradicional desta atividade. Podemos dizer que um dos fatores que contribuiu para o seu desenvolvimento foi a topografia plana revestida por gramíneas. Assim, sendo, não é ao acaso que esta Região se constitui, atualmente, no centro produtor de gado, cuja produção é obtida por métodos tradicionais de alta representatividade. (NOAL e CUNHA 1990:55)

A atividade agrícola desenvolvida e a pecuária extensiva, de certo modo explicam a densidade demográfica agrícola encontrada e que se constitui em uma pressão humana baixa entre 01-07 hab/Km. (HAHN 1990:38)

- Na REGIÃO DAS MISSÕES a pequena unidade de produção (0 a 20 ha) é representada pelos seguintes municípios: Boçoroca, Cerro Largo, Caibaté, Chiapeta, Catuípe, Guarani das Missões, Itaqui, Jaguari, Santiago, Santo Ângelo, São Borja, São Francisco de Assis, São Luiz Gonzaga, São Nicolau, São Paulo das Missões, Santo Antonio das Missões, Roque Gonzales e Porto Xavier.

A pequena unidade de produção surgiu por intermédio dos descendentes dos primeiros habitantes (nativos da terra), trabalhadores luso-brasileiros e por colonizadores vindos de outras colônias, que ao longo dos anos disseminaram as pequenas unidades de produção.

A atividade pecuarista que predominou na Região até o surgimento da política de incentivo ao plantio do trigo em 1940, teve sua origem com os jesuítas na época das Missões. O desenvolvimento da cultura do trigo contou com a criação, do Serviço de Expansão do Trigo (SET), do Instituto de Pesquisa Agropecuária e a liberação da importação de máquinas e equipamentos livres de taxas fiscais. Assim criou-se um conjunto de medidas dirigido ao avanço da cultura do trigo no Estado, que permitiu o desenvolvimento de empresa agrícolas voltadas para a produção de trigo (FRANTZ, 1979:36)

"Estavam assim criadas as condições econômicas e institucionais para o desenvolvimento de empresas agrícolas na produção do trigo."

A cultura do trigo sofreu transformações, e assumiu uma nova fase a partir de 1970 marcada, principalmente, pela redução da área cultivada em consequência da queda do rendimento físico da lavoura e da presença de moléstias e pragas. Isso permitiu a composição do binômio trigo/soja. Porém ressalta-se que a grande expansão da soja possibilitou a continuidade do plantio de trigo. (Tabela 1)

A pecuária apesar de perder área para as culturas, ainda apresenta uma produção animal significativa. (Tabela 2)

Quanto a densidade demográfica, grande parte dos municípios apresentam pressão humana elevada no setor agrícola.

- Na REGIÃO DA DEPRESSÃO CENTRAL, caracterizam-se como de pequena produção (0-20 ha) os municípios: Alvorada, Arroio dos Ratos, Agudo, Barra do Ribeiro, Bom Retiro, Cachoeira do Sul, Canoas, Cachoerinha, Dona Francisca, Esteio, Faxinal do Soturno, Formigueiro, General Câmara, Gravataí, Guaíba, Mata, Porto Alegre, Restinga Seca, Rio Pardo, Santa Maria, São

Gerônimo, São Pedro do Sul, São Sepé, São Vicente do Sul, Triunfo, Taquari e Viamão.

A doação de sesmarias se constituiu-se no principal modo de ocupação do solo até o final do século XIX quando em algumas áreas houve a fixação de imigrantes alemães e italianos em pequenas propriedades. Com o passar do tempo a pequena unidade de produção disseminou-se pela área gerando o maior número de propriedades dos municípios. Apesar dos solos apresentarem características desfavoráveis para a proliferação de pequenas unidades de produção, ela ocorreu ocasionando empobrecimento na zona rural devido a insuficiência de terras para a produção e uso intensivo do solo. Como os principais rios da Região apresentam "várzeas férteis" criou-se o ambiente favorável a cultura do arroz irrigado. Nas áreas mais secas a soja foi tomando o espaço da pecuária extensiva e no inverno estas áreas se destinam ao cultivo do trigo ou de forrageiras para a engorda do gado. (Tabela 1 e 2)

A maioria dos municípios apresentam pressão humana alta, isto é, população agrícola superior ao que a renda agrícola poderia manter e identificariam conforme HAHN (1990:48), "que a maior parte da população estaria vivendo de renda não-agrícola" nestas áreas.

- Na REGIÃO DA ENCOSTA INFERIOR DO NORDESTE, a pequena unidade de produção, corresponde aos municípios: Anta Gorda, Arroio do Meio, Arvorezinha, Cruzeiro do Sul, Campo Bom, Candelária, Canela, Dois Irmãos, Encantado, Estância Velha, Estrela, Feliz, Gramado, Ivoti, Igrejinha, Ilópolis, Lageado, Montenegro, Nova Petrópoles, Novo Hamburgo, Nova Bréscia, Putinga, Portão, Roca Sales, Rolante, Santa Cruz do Sul, Santo Antônio, São Leopoldo, São Sebastião do Caí, Sapiranga, Sobradinho, Salvador do Sul, Sapucaia do Sul, Taquara, Três Coroas, Venâncio Aires, Vera Cruz e Arroio do Tigre.

A área da Encosta Inferior do Nordeste, também conhecida como "Colônia Velha" foi a primeira região do Estado a receber os imigrantes, trazidos

para ocuparem as áreas ainda inexploradas e que não foram atrativas para as atividades das sesmarias por serem áreas íngremes e coberta de matas. A característica principal desta ocupação está no tamanho dos lotes, que deveriam obedecer uma dimensão média de 25 ha. Isto faz com que a Região se caracterize, desde o início, como área de pequena produção. Conforme HASELEIN (1991:121):

"... no espaço entre 1940-50, esta predominando as propriedades pobres na maioria dos municípios demonstrando já estar ocorrendo a divisão dos lotes, através do aumento da população e do esgotamento da oferta de novas terras agricultáveis no Estado para onde os filhos dos agricultores pudessem se dirigir, como ocorreu até então".

A característica principal dos colonizadores foi o desenvolvimento da policultura alimentar, com grande significação, até a introdução da cultura do fumo. Destaca-se o fumo como uma das principais culturas com finalidade comercial a se desenvolver no Estado e, especialmente na pequena unidade produtiva até então voltada para o auto abastecimento e comércio regional de produtos alimentares. O interesse do pequeno proprietário ao reorganizar seu espaço produtivo em função da cultura do fumo, identificava sua expectativa de obter capitais via créditos fácil. Assim o cultivo do fumo expandiu-se pelos vales dos rios Taquari e Cai e se centralizou, principalmente, na área de Santa Cruz do Sul onde ocorreu a especialização da cultura de fumo. (Tabela 1)

Atualmente essa área é uma das mais industrializadas do Rio Grande do Sul e o setor primário, hoje, ocupa o segundo plano da economia em vários municípios.

Mesmo sendo a agricultura a principal atividade das pequenas unidades de produção, a pecuária apresenta destaque na produção de leite e

compõe uma das mais importantes bacias leiteiras do Estado. Outro critério também significativo é a suinocultura. (Tabela 2)

Os municípios que formam a área da Encosta Inferior do Nordeste, apresentam pressão humana alta. Nesta área a população rural encontra-se acima do que a renda agrícola do setor poderia manter. Contudo, deve-se considerar que o setor secundário, (indústria) regional possui destaque e representa um meio de obtenção de renda não agrícola.

- Na REGIÃO ENCOSTA SUPERIOR DO NORDESTE a pequena unidade de produção (0-20 ha) é formada pelos municípios: Antônio Prado, Bento Gonçalves, Carlos Barbosa, Casca, Caxias do Sul, Farroupilha, Flores da Cunha, Garibaldi, Guaporé, Muçum, Nova Prata, Nova Bassano, Nova Araça, Parai, São Marcos, Serafina Correia e Veranópolis.

Essa área começou a ser colonizada a partir de 1870, com a chegada dos primeiros imigrantes italianos. Os lotes eram inicialmente constituídos de 63 ha por família, devido ao crescimento demográfico, a formação de novas colônias apresentava lotes de até 25 ha por família.

A agricultura assumiu papel marcante na economia da área devido a presença dos "solos de mata" que permitiu a ocorrência de uma lavoura variada, e assim caracterizou a Região por uma policultura. Porém o produto que mais contribuiu para a economia da Região e com destaque até hoje é a uva, segundo NOAL e CUNHA (1990:70) "... a área corresponde a um centro produtor de alta representatividade no Estado".

Essa condição alcançada pela uva, proporcionou a formação da indústria vinícola, a qual se desenvolveu a partir da produção artesanal do imigrante italiano.

A pressão humana é alta no setor rural significando que a renda agrícola não é suficiente, para a população rural que aí vive. Contudo a indústria vinícola proporciona a obtenção de renda não-agrícola a uma parcela significativa da população rural. HAHN (1990:38)

- Na REGIÃO DO PLANALTO MÉDIO a pequena unidade de produção (0-20 ha) compreende os municípios: Ajuricaba, Augusto Pestana, Carazinho, Barros Cassol, Cruz alta, Condor, Ciriaco, David Canabaro, Espumoso, Fontoura Xavier, Ibirubá, Ijuí, Júlio de Castilho, Marau, Não-me-Toque, Nova Palma, Panambi, Pejuçara, Passo Fundo, Santa Bárbara do Sul, Soledade, Selbach, Sertão, Tapera, Tapejara e Tupanciretã.

Nessa área encontra-se um relevo com características adversas, constituído por uma área íngreme e outra plana que se constitui nos campos do "Topo" do Planalto. A área plana é favorável à pecuária e originou o fluxo de colonizadores luso- brasileiros que formaram as primeiras estâncias da Região dedicadas à criação do gado. Nas áreas íngremes, "Escarpas" os lotes entregues a colonização alemã variavam de 33 a 75 ha, os quais desenvolvía-se a policultura alimentar.

Deve-se ressaltar que no movimento de de expansão dessas unidades produtivas ocorreu a fragmentação das unidades de produção a exemplo das demais regiões do Estado.

Até a década de 40, a Região se caracterizava por atividades semelhantes as do início de sua ocupação, porém com o incentivo dado a cultura do trigo houve uma reorganização das atividades. Após a década de 70 o desestímulo da triticultura, surgiu um novo produto, que se tornou alvo das políticas agrícolas. Até o presente esta cultura continua a ser a principal atividade agrícola da área. (Tabela 2)

- Na REGIÃO DO ALTO URUGUAI a pequena unidade de produção (0-20 ha) é formada pelos municípios: Aratiba, Alpestre, Alecrim, Braga, Barão do Cotegipe, Buricá, Campinas do Sul, Campo Novo, Chapada, Constantina, Crissiumal, Coronel Bicaco, Caiçara, Candido Godoi, Campinas das Missões, Erval Seco, Erechim, Erval Grande, Frederico Westphalen, Guarama, Getúlio Vargas, Giruá, Horizontina, Itatiba, Jacutinga, Coronel Salzano, Marcelino Ramos, Miraguaí, Mariano Moro, Maxiliano de Almeida, Nonoi, Palmeira da

Missões, Porto Lucena, Irai, Humaitá, Palmitinho, Planalto, Redentora, Rodeio Bonito, Rondinha, São Martinho, Severiano de Almeida, Santa Rosa, Santo Augusto, Santo Cristo, São Valentim, Sarandi, Seberí, Tuparendi, Tucunduva, Tenente Portela, Três de Maio, Três Passos, Viadutos, Vicente Dutra e Independência.

Essa Região foi uma das últimas áreas a ser povoada no Estado, e teve o predomínio dos colonos alemães e italianos sobre as outras nacionalidades. Os lotes doados, possuíam área entre 20 e 30 ha, na qual deveria se desenvolver uma atividade voltada para a produção de alimentos, o que possibilitou o desenvolvimento da policultura nas pequena unidade de produção. Na década de 50 os estabelecimentos 0-20 ha (categoria de pobres) já eram dominantes na paisagem produtiva. Como decorrência da pouca área agrícola aparece uma concentração populacional que é visualizada atualmente através de uma pressão humana alta existente no setor agrícola local. (HAHN 1990:38)

Significante reorganização espacial ocorreu na Região na década de 70, com a introdução da cultura de soja que ao se expandir ocupou cada vez mais área desalojando as lavouras de subsistência. Em 1980 a Região era líder absoluta em área e em tonelagem colhida de soja (Tabela 1). Com relação a criação animal, os suínos ocupam lugar de destaque na economia abastecendo os vários frigoríficos da Região. (Tabela 2)

- A REGIÃO CAMPOS DE CIMA DA SERRA que corresponde a pequena produção (0-20 ha) é formada pelos municípios: Barracão, Caxias do Sul, Caciقة Double, Esmeralda, Ibiriaras, Ibiaúa, Lagoa Vermelha, Machadinho, Paim Filho, Sananduva, São José do Ouro e São Francisco de Paula.

A ocupação do solo se deu através da doação de sesmarias originaram as fazendas e da colonização que proporcionou a ocupação do solo pelos imigrantes que deram origem as pequenas unidades de produção. A agricultura se desenvolveu em pequenas propriedades e em zonas de topografia declivosa através do cultivo de produtos de subsistência enquanto que, as áreas

planas e propícias a criação de gado, foram ocupadas pelas grandes fazendas. A base da economia regional estava na pecuária quando a agricultura via introdução da cultura da soja se tornou a principal atividade econômica de alguns municípios.

CARACTERIZAÇÃO DA PEQUENA UNIDADE DE PRODUÇÃO COM ÁREA ENTRE 20 e 50 ha

A Região que abrange os municípios com predomínio de propriedades entre 20-50 ha caracterizadas como médias, é constituída pelos municípios: Alegrete, Quaraí, Piratini, Pinheiro Machado, Guaíba, Vacaria, Victor-Graeff e Colorado.

- OS MUNICÍPIOS DE ALEGRETE E QUARAÍ, compreendem a área de pequena produção (20-50 ha) e estão localizados na Região da Campanha. A presença desta estrutura fundiária maiores não afetou as atividades que vem sendo desenvolvidas, nestes municípios, desde sua ocupação. A pecuária tradicional continua sendo a atividade dominante e tradicional, o que explica a pressão humana baixa no setor agrícola. HAHN (1990:38). Observa-se que nesses municípios destaca-se na agricultura a produção de arroz em relação as demais culturas temporárias.

- OS MUNICÍPIOS DE PIRATINI E PINHEIRO MACHADO nos quais predomina a pequena produção (20-50 ha), estão localizados na região fisiográfica denominada Serra do Sudeste.

Entre as características físicas desta Região, a presença de solos pouco propícios à agricultura tem determinado, desde sua ocupação, uma atividade econômica centrada na pecuária. Deste modo a área desses municípios é pouco indicada para o uso com cultivos, destaca-se o pastoreiro. Atualmente observa-se que a agricultura tem apresentado níveis de crescimento na Região e chegou a valores significativos em 1980.

- OS MUNICÍPIOS VICTOR GRAEFF E COLORADO, também da categoria de pequenas propriedades (20-50 ha), estão localizados na região

fisiográfica Planalto Médio, e se dedicam principalmente ao cultivo de trigo e soja, cuja a atividade econômica desenvolvida é contínua entre os municípios da Região.

CARACTERIZAÇÃO DA PEQUENA UNIDADE DE PRODUÇÃO COM ÁREA ENTRE 50 e 100 HA

A área de pequena produção caracterizada como de produtores remediados, com área entre 50-100 ha, compreende apenas o município de Bom Jesus, localizado na região fisiográfica Campos de Cima da Serra.

O município de Bom Jesus, de modo geral apoia sua economia na pecuária desenvolvida em estabelecimentos dedicados ao criatório de forma extensiva.

A grande extensão territorial do município e a atividade pecuarista, explicam a pressão humana baixa no setor agrícola que fica, em torno de 01- 07 hab/Km². (HAHN 1990:38)

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A origem da pequena unidade de produção no Estado do Rio Grande do Sul data do período da colonização, porém sua expansão encontra-se vinculada a fatores mais recentes. Essa expansão caracteriza-se pela diminuição da dimensão fundiária dos já pequenos estabelecimentos devido a subdivisões e partilhas ocorridas. O crescimento de uma população rural não possuidora de espaços para organizar novas unidades de produção levou a fragmentação das unidades anteriores. Isso ocorre no momento em que o meio de produção terra tornou-se escasso devido a fatores como a concentração fundiária.

No Rio Grande do Sul atualmente, predominam estabelecimentos caracterizadas como pobres, com área entre 0-20 ha na maioria de suas Regiões Fisiográficas. Com base na semelhança das atividades de produção desenvolvidas e

que influenciaram na reorganização do espaço, de suas conseqüências sócio-econômicas, distinguem-se seis grupos de pequena produção, a saber: GRUPO 1 formado pelas Regiões do Litoral, Encosta do Sudeste e Serra do Sudeste; GRUPO 2 compreende a Região da Campanha; GRUPO 3 corresponde as Regiões das Missões, Planalto Médio e Alto Uruguai; GRUPO 4 formado pelas Regiões da Encosta Superior do Nordeste e Encosta Inferior do Nordeste; GRUPO 5 compreende a Região da Depressão Central e o GRUPO 6 corresponde a Região Campos de Cima da Serra.

No GRUPO 1, predominam estabelecimentos caracterizados como pobres (0-20 ha). Apenas em dois municípios a pequena unidade de produção é caracterizada como média (20-50 ha).

A área que constitui esse grupo apresenta como principal restrição ao desenvolvimento agrícola as condições físicas do solo, juntamente com a falta de uma política agrícola direcionada aos pequenos produtores e de um planejamento adequado a utilização dos solos pouco férteis. Neste Grupo as atividades de produção estão atreladas, em grande parte, as condições naturais. O baixo grau de fertilidade dos solos aliados a uma espessura pouco significativa determina, por exemplo, a ocorrência de pastagens sobre a qual se instala a pecuária bovina de corte e ovina para lã e carne, como principal uso do solo.

O futuro desses pequenos produtores deverá ser sua inserção no mercado de trabalho como força produtiva econômica. O Estado deverá adotar políticas de desenvolvimento capazes de colocarem a disposição do homem rural descapitalizado os instrumentos de produção

A região da Campanha que constitui o GRUPO 2. Apresenta municípios onde existem pequenos estabelecimentos (pobres 0-20 ha e médias de 20-50 ha) ao lado de grandes estabelecimentos. Este contraste demonstra que os fatores atuantes na fragmentação e expansão da pequena produção não possuem força suficiente para modificar a estrutura fundiária original.

A manutenção da estrutura fundiária nessa área também está relacionada a histórica atividade da pecuária extensiva, o permite a seguinte indagação: qual é o futuro da população rural, formada por pequenos produtores, uma vez que é na pecuária extensiva que se concentram as relações sócio-econômicas provocadas pelas forças econômicas e de poder regional?

O GRUPO 3, formado pelas regiões das Missões, Planalto Médio e Alto Uruguai, possui situação adversa das demais no que tange ao desenvolvimento das formas de produção comandadas pelo capital.

A área formada por essas regiões fisiográficas tem em comum um fator que influenciou, a partir da década de 40, a organização das atividades de produção. A política de incentivo a cultura do trigo, e mais tarde da soja, traduzida pelo binômio trigo/soja, desenvolveu forças produtivas e relações de produção próprias.

Na reestruturação da atividade produtiva, policultura para monocultura, o pequeno produtor se inseriu em um novo modo de produção ao passar para uma economia de mercado. Contudo muitos proprietários não conseguiram acompanhar o ritmo da reestruturação devido a fragilidade de seus instrumentos, de seus meios e de suas relações produtivas.

Isto fez com que a maior parte da exportação agrícola do País seja proveniente de empresas agrícolas detentoras de capital, de instrumentos de produção a desenvolverem técnicas e a elevarem a produtividade.

Predominando o novo modo de produção, o binômio trigo/soja se expandiu na área e acentuou o desnível sócio-econômico entre os produtores rurais, provocando a expulsão de alguns do processo produtivo e tornando-os trabalhadores assalariados.

As regiões da Encosta Superior do Nordeste e Encosta Inferior do Nordeste formam o GRUPO 4. Essas duas regiões fisiográficas apresentam na origem e no estabelecimento da pequena unidade de produção características

semelhantes, embora tenham sido ocupadas por grupos de imigrantes diferentes: a primeira por italianos e a segunda por alemães.

A região da Encosta Superior do Nordeste teve na uva o produto impulsionador da agroindústria (vinícola), enquanto que a região da Encosta Inferior do Nordeste teve o fumo como cultura base do desenvolvimento da agroindústria. Ambas tem em um único produto, o alicerce de sua atividade de produção o que o torna dependente do complexo agroindustrial.

O pequeno produtor tem apenas a ilusão de ser autônomo. Ao necessitar do dinheiro recebido da vinícola ou da fumageira para comprar a sua sobrevivência e para manter a reprodução de sua atividade econômica fortalece os laços de dependência do complexo agroindustrial.

O GRUPO 5 formado pela região da Depressão Central, a qual apresenta o maior número de municípios com número de estabelecimentos de estrutura fundiária desigual. Distingue-se nessa região dois municípios de domínio da grande produção: Butiá, Cacequi e no município de Guaíba caracteriza-se pela presença de médios estabelecimentos. A diversidade encontrada deve-se ao caráter transitório desta Região ao separar duas formas de economia historicamente distintas que fizeram a evolução econômica do Rio Grande do Sul.

A região Campos de Cima da Serra, constitui-se no GRUPO 6. A ocupação desta área não se diferencia das demais, aí ocorrem grandes estabelecimentos dedicados a criação de gado e, nas zonas não propícias a esta atividade, é possível encontrar uma agricultura instalada por imigrantes dedicados a economia de mercado através de cultura de alto consumo interno e externo como milho, feijão, trigo, e soja.

Nos seis grupos considerados é possível detectar peculiaridades, porém eles apresentam situações análogas entre si, como: os pequenos produtores que compõem o espaço dessas regiões estão submetidos a ação de forças produtivas externas e alheias aos interesses das regiões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os pequenos produtores deparam-se com duas possibilidades em suas atividades : eles se adaptam ao sistema e disso decorre um fenômeno de dependência do pequeno agricultor em relação as empresas para as quais eles produzem (por exemplo os produtores de fumo) ou eles ficam a margem do processo de produção formando os grupos destituídos da terra. Neste caso pode ocorrer desequilíbrios advindos do desigual crescimento entre a população e os meios de subsistência. Disto decorrerão tensões sociais a exigir decisões imediatas.

No Rio Grande do Sul os problemas de produção agrícola são menores que os problemas agrários, pois enquanto o primeiro se resolve pelo emprego de técnicas e equipamentos disponíveis; o segundo, os problemas agrários, traduzidos pelas formas de apropriação dos meios de produção e pelas relações existentes entre os que possuem esses meios produtivos e que apenas os utilizam, são mais complexos por envolverem uma reformulação na distribuição da renda. Nesse último caso a distribuição da renda para ser mais justa necessitaria do apoio de uma política agrícola para dinamizar sua fluidez nos níveis estadual e municipal possibilitando por em prática um programa de reestruturação das unidades de produção capaz de garantir plena e definitivamente ao trabalhador rural retirar da terra além da sobrevivência a sua realização econômica e social, pois a "Terra não deve ser um meio para escravizar o homem, mas um meio de libertá-lo da fome, da injustiça e da opressão." (MARTINS, 1982:58)

BIBLIOGRAFIA

ANTONELLO, I.T. **As relações entre categorias de solos e formas de utilização no Estado do Rio Grande do Sul.** Trabalho de Graduação. Departamento de Geociências UFSM, Santa Maria, RS, 1990.

CUNHA, S.R da; NOAL, R.E. **Relação produção/mercado das regiões da tipologia agrícola do RS.** Departamento de Geociências, UFSM, Santa Maria, RS, 1990.

FRANTZ, T.R. **Evolução da agropecuária no Planalto gaúcho - Ensaio de interpretação histórica.** Ijuí, FIDENE, 1979.

GUITMARÃES, A.P. **Quatro séculos de latifúndio.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

HASELEIN, C.R. **Comportamento do uso do solo e da força de trabalho nas pequenas unidades de produção do Rio Grande do Sul: Período de 1940-1980.** Trabalho de Graduação. Departamento de Geociências, UFSM, Santa Maria, RS, 1991.

HAHN, W. **Densidade demográfica agrícola e sua carga humana no Estado do Rio Grande do Sul.** Trabalho de Graduação. Departamento de Geociências, UFSM, Santa Maria, RS, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.
Censo Agropecuário do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro, IBGE, Tomo 3, 1 e 2 partes, 1984, V.I e II. (Série Regional)

MARTINS, J de S. **Expropriação & Violência a questão política no campo.** 2ª Ed, São Paulo, Hucitec, 1982.

TOPALOV, C. *Estrutura agrária brasileira*. Rio de Janeiro,
Francisco Alves, 1978.

**RESUMO: A CARACTERIZAÇÃO DAS REGIÕES DE
PEQUENA PRODUÇÃO RURAL NO ESTADO DO RIO GRANDE DO
SUL**

O objetivo deste trabalho é o de detectar as transformações
ocorridas na organização espacial do território gaúcho.

A pesquisa determina a origem da pequena unidade de produção e a
expansão das categorias pobres, médios e remediados.

Palavras-chaves: Unidade, pequena produção, origem,
categorias de pobres, médios e remediados.

**RESUMÉ : LES CARACTÉRISTIQUES DES RÉGIONS
AYANT UNE PETITE PRODUCTION DANS L'ETAT DU RIO GRANDE
DO SUL .**

Le but de cette recherche sont les transformations de l'organization
espaciale du territoire du Rio Grande do Sul.

La recherche a déterminé l'origine de le petite production et de
l'expansion, dans ces catégories du peuple: le pauvre, le moyen et petit
producteurais.

Mons-clefs: Unité, petite production, origine, catégorie de pauvre,
moyen et petit producteurais.